

# EDITORIAL

## TEMÁTICA LIVRE: UM CAMPO PLURAL E POLIFÔNICO

A área de Literatura, em sua essência, tem se revelado um campo aberto à diversidade de abordagens e perspectivas, tornando-se este um dos seus grandes propulsores na produção acadêmica. Ao reunir pesquisas que transitam por diferentes épocas, gêneros, linguagens e teorias, este dossiê reafirma a riqueza intelectual de um campo que se constrói no diálogo entre tradições e inovações. A temática livre, aqui proposta, não significa ausência de direção, mas sim a valorização da multiplicidade de olhares que caracterizam os estudos literários e linguísticos, permitindo que o conhecimento se expanda em diversas direções. Essa diversidade temática não é mero acaso, mas um reflexo da própria natureza da linguagem e da produção cultural, que se entrelaça com a história, a filosofia, a arte e a política. Cada artigo acadêmico, ao eleger um recorte específico - seja a crítica de um romance modernista, a relação entre literatura e memória em narrativas pós-ditatoriais, a interlocução entre autores, o olhar sobre a poesia -, revela não apenas a complexidade do objeto estudado, mas também a capacidade da pesquisa em Literatura de se reinventar, transgredindo fronteiras disciplinares. Assim, a “Temática Livre” consolida-se como um convite à liberdade intelectual, onde a ausência de eixos pré-definidos estimula a criatividade e o cruzamento inesperado de ideias.

A multiplicidade de temas está intrinsecamente ligada à variedade de abordagens metodológicas que caracterizam a área. Se, por um lado, persistem estudos que revisitam o cânone ocidental com ferramentas teóricas consagradas - como a crítica psicanalítica ou o estruturalismo -, por outro, ganham força perspectivas interdisciplinares que incorporam estudos culturais. Essa coexistência de métodos não fragmenta o campo, mas o fortalece, ao permitir que diferentes tradições epistemológicas conversem entre si. Um dossiê de “Temática

Livre” evidencia, assim, que a riqueza dos estudos literários reside justamente na capacidade de acolher tanto a profundidade da erudição tradicional quanto o experimentalismo das novas gerações de pesquisadores.

Num momento histórico marcado por transformações aceleradas - como a digitalização da cultura, as crises ambientais e as reconfigurações identitárias -, os estudos literários demonstram vitalidade ao incorporar debates urgentes. Essa flexibilidade temática permite que a academia dialogue com movimentos sociais, inovações tecnológicas e demandas éticas, posicionando-se como espaço de resistência e reinvenção. Longe de ser um campo estático, a pesquisa em Letras e Literatura prova que a análise textual pode ser ferramenta poderosa para interpretar conflitos sociais, desvelar silêncios históricos e projetar futuros possíveis, mantendo-se relevante em meio a um cenário global em constante ebulição.

Os artigos que compõem este volume exploram uma ampla gama de assuntos, revelando não apenas a pluralidade de temas, mas também a variedade de metodologias e perspectivas críticas. Assim, este dossiê não apenas apresenta um panorama da pesquisa atual, mas também convida à reflexão sobre a importância da liberdade temática na construção do saber. Ao permitir que diferentes vozes e objetos de estudo coexistam, reafirmamos a relevância do pensamento crítico e da investigação acadêmica como formas de compreender o mundo por meio da linguagem.

A seção “Varia”, que inaugura este número, traz primeiramente o artigo **Guilherme, Oswald e o clichê**, de Artur de Vargas Giorgi, que trata das interlocuções entre Guilherme de Almeida e Oswald de Andrade sobre o cinema e a sua técnica, buscando apontar suas linhas de tensão, sempre em estreito diálogo com trabalhos de Cláudia Rio Doce. Na sequência, Thiago Bittencourt, em **Machado de Assis em duas perspectivas: Roberto Schwarz e Silvano Santiago**, analisa os volumes *Ao vencedor as batatas* e *Fisiologia da composição*, dos respectivos críticos, com destaque para as diferenças e perspectivas possíveis nas análises desenvolvidas pelos dois estudiosos. Luis Gustavo Cardoso, por sua vez, ao selecionar o romance *Os anéis de Saturno* e passagens da obra *Nach der Natur: Ein Elementargedicht*, investiga a écfrase na produção narrativa de W. G. Sebald em **Imagem e corrosão: a écfrase crítica na narrativa de W. G. Sebald**, situando-a como recurso retórico e literário de efeito poético e crítico.

Em **Ficção científica, conhecimento e novos imaginários ético-políticos: uma análise da duologia *Monge e Robô*, de Becky Chambers**, Jade Bueno Arbo e Eduardo Marks de Marques exploram a visão esperançosa de futuro retratada na duologia *Monk and Robot*, de

Becky Chambers, e analisam como a narrativa incentiva os leitores a imaginar alternativas aos modos de consumo predominantes, ressaltando o potencial transformador da literatura na formação de novos paradigmas para uma vida sustentável e para o bem-viver. Na sequência, Fabrício Lemos da Costa explora esfera, digamos, bem mais próxima do leitor brasileiro em **As flores de Clarice Lispector no contexto da ditadura militar brasileira**, ao discorrer sobre o chamado vegetal e suas conotações nos textos claricianos que compõem as crônicas publicadas no “caderno b” do *Jornal do Brasil* a partir da perspectiva “político-subjetiva”.

**O fogo e os profetas: a presença bíblica em *A Circle in the fire*, de Flannery O’Connor**, de autoria de Thiago Francisco, analisa a presença de aspectos literários do texto bíblico no conto *A Circle in The Fire* da escritora estadunidense Flannery O’Connor a partir das considerações de Robert Alter e Northrop Frye. Por sua vez, Aline Guimarães e Claudio Aquati, em **O fragmentário em *Tresaventura*, de Guimarães Rosa**, buscam nas teorias do fragmento/fragmentário elementos que permitam uma proposição interpretativa de um conto de *Tutameia*, de João Guimarães Rosa, com foco na personagem infantil *Tresaventura*. Na sequência, Ingrid de Mesquita Cordeiro e Alexandre Bebiano de Almeida, no artigo intitulado **A valoração das imagens proustianas em dois ensaios de André Gide**, apresentam dois ensaios de André Gide sobre Marcel Proust escritos para a *Nouvelle Revue Française*: o artigo *Billet à Angèle* de maio de 1921 e a homenagem *En relisant les plaisirs et les jours* de 1923, a partir dos quais analisam como Gide faz uso de algumas teorias como a acuidade visual, a instantaneidade, a simplificação do pensamento humano, a motivação do signo etc., para julgar as imagens literárias de *Em busca do tempo perdido* e *Os prazeres e os dias*.

No ensaio **Do jardim inverso ao plantio da terra: a poética crítica de Ferreira Gullar**, Naiara Martins Barrozo aborda a trajetória de Ferreira Gullar, da publicação de *A Luta Corporal* até *Dentro da noite veloz*, de modo a tornar visível o movimento crítico do autor com relação ao seu fazer poético, à literatura e à própria poesia. Bruno Verneck, em **Erotismo e ilustração na poesia espanhola setecentista**, trata da poesia espanhola do século XVIII que, segundo o autor, circulou por zonas estéticas que pareceriam, à primeira vista, antagônicas, na busca de uma linguagem capaz de exprimir o impulso renovador das ideias ilustradas, levando-as, por vezes, ao limite. Por ordem, o artigo **De l’engagement politique à un idéal éthique et esthétique : Cas Fanon, Senghor, Césaire et Chamoiseau**, Ghizlane Lemnouer mostra como um diálogo frutífero entre a história e o compromisso entre intelectuais negros e crioulos, formaram as consciências de Fanon, Senghor, Césaire e Chamoiseau, que, moldados por condições sócio-históricas, animaram a literatura negra e crioula, para as quais este artigo

oferece uma explicação. Por fim, encerrando a seção “Vária”, ***O Rei da Vela: reflexão social e renovação no teatro brasileiro entre as décadas de 1920 e 1930***, de Joyce Galon da Silva Moronari propõe uma leitura sucinta da peça *O rei da vela* (1933), em diálogo com os problemas enfrentados na época de sua criação, dentro do panorama do teatro brasileiro nas décadas de 1920 e 1930, já sob a perspectiva modernista.

Na seção “Tradução” Eder Dias Capobianco resgata ***Como a América Latina nos vê (1924)***, texto de Isaac Goldberg (1887-1938). Jornalista, autor, crítico e tradutor estadunidense, Goldberg formou-se pela Universidade de Harvard, onde também recebeu seu PhD, em 1912, em linguagens do romance. *Como a América Latina nos vê* é a reflexão de um reputado intelectual de seu tempo sobre as relações culturais entre os Estados Unidos e a América Latina, vistas por ele como conflitantes, a partir da literatura produzida nos países latinos.

Encerrando este dossiê dedicado à temática livre, inauguramos a seção “Short essays” com o ensaio ***Irony in Morte e vida Severina (1956)***, by **João Cabral de Melo Neto**, dedicado a uma leitura da obra mais conhecida do escritor João Cabral de Melo Neto, seja pela *mise-en-scène* do Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o TUCA, na década de 1960, com música de Chico Buarque de Holanda, seja pelas inúmeras adaptações para diversos suportes, televisão, quadrinhos, animação etc. Não tem sido a mais conhecida, porém, pelo humor e ironia na poesia cabralina, aspecto discutido no breve ensaio pelos estudiosos Joelma Santana Siqueira e Thiago Marcel Moyano.

Certos de que nesse mosaico cada artigo contribui para um panorama mais amplo, lembrando-nos que a Literatura, em sua infinitude de formas e sentidos, jamais se esgota - assim como a tarefa de interpretá-la -, esperamos que este conjunto de textos inspire novas leituras, diálogos e questionamentos, enriquecendo ainda mais o campo das Letras e da Literatura.

Prof. Dr. Dirceu Magri - GRUPEBRA/IEA/USP  
Prof. Dr. Juan Filipe Stacul, Instituto Federal de Goiás, UFG  
Editores deste número